

SUPLEMENTO

ARQUEOLOGIA

Inventário dos cruzeiros da freguesia de Santo Estêvão de Barrosas (Lousada)

Manuel Nunes*
Paulo Lemos**

Nas ruas, nas estradas, nos caminhos, mais ou menos monumental, de matéria duradoura como a pedra, ou mais económico e comezinho como a madeira, a Cruz é o Cruzeiro; simples cruz, rude e lisa, ou com a representação de Cristo nela crucificado, e ainda frequentemente com outras personagens da Paixão, com maior ou menor riqueza de arte, ao ar livre ou sob alpendres, com inscrições ou sem elas, em série de Via Sacra ou isolada, é sempre, e fundamentalmente, «a cruz, o guião do amor e da misericórdia», como se exprimiu Camilo Castelo Branco. É esta a genealogia dos Cruzeiros: cruz-crucifixo, suplicio, distintivo triunfo, símbolo.
(Chaves, 1932:100-101)

* Arqueólogo | manuel.nunes@cm-lousada.pt ** Arqueólogo | paplemos@gmail.com



CRUZEIROS: BREVE NOTA HISTÓRICA

Desde longa data que a cruz é utilizada como símbolo, mas também como elemento de tortura e martírio *aplicada aos supplicios de malfeitores* (Bellino, 1900:270). No entanto, é com a apropriação da cruz pela tradição cristã, condensando na sua imagem a história da salvação e da paixão do Salvador, que ela se universaliza enriquecendo a anterior significação (Chevalier e Gheerbrant, 2010:245). Apesar de existirem diversos tipos de cruzeiros, é a cruz latina que, verdadeiramente, representa a silhueta do Crucificado: a interpretação do triunfo da vida sobre a morte (Feullet, 2005:49). Assumindo um caráter purificador dos espaços de vivência, é a partir do século VI (Chaves, 1932:100) que a cruz, seja gravada, pintada, ou esculpida, emerge como elemento de sagração de edifícios, fontes, caminhos, pontes e rochedos para, muito mais tarde, adquirir a tridimensionalidade dos cruzeiros que, de então em diante, assumirão preponderância visual e simbólica na geografia das comunidades cristãs, sobretudo após o Concílio de Trento (1545-1563) quando o espírito popular da devoção religiosa se arreigou com a afirmação pela Igreja da existência do Purgatório e da prática das Indulgências (Nunes e Lemos, 2013:86).

Na verdade, a história dos cruzeiros é assaz complexa. Se como monumento religioso o cruzeiro rapidamente apropriou o alto dos montes, os locais de antigos cultos ou práticas pagãs ligadas à Natureza, mas também os adros das igrejas e das capelas ou ermidas¹, os cemitérios paroquiais², bem como os limites de paróquia³, como monumento memorativo e evocativo, acabou por se multiplicar ao longo dos cruzamentos e bordaduras de caminhos, sempre em locais de maior passagem (Almeida, 1968:94), pedindo orações, lembrando desastres, mortes, epidemias, mas também vitórias. Embora existam diversas tipologias de cruzeiros, a estrutura é relativamente padronizada e, no limite, um cruzeiro pode apenas ostentar a cruz fincada num rochedo ou diretamente numa plataforma pétrea. Ainda assim, comumente, os cruzeiros apresentam uma estrutura mais complexa, possuindo uma plataforma com degraus, pedestal, coluna e cruz⁴.

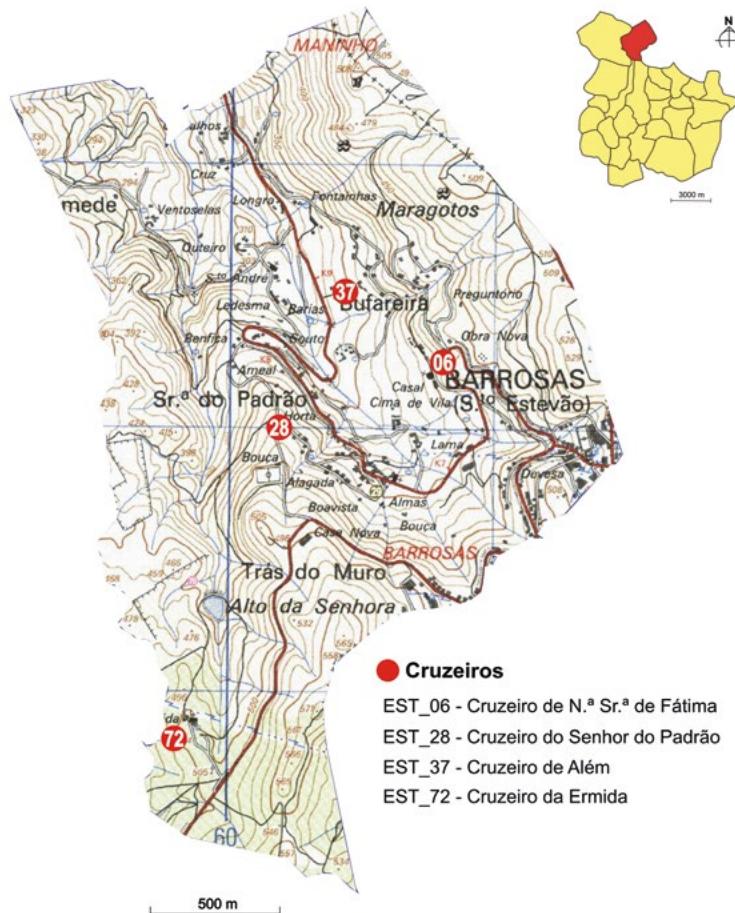


Figura 1. Localização dos cruzeiros identificados em St.º Estêvão de Barrosas. Carta Militar de Portugal. Escala 1:25 000. Folha 99. IGEOE.

¹ São frequentes os cruzeiros distribuídos em série ao longo dos caminhos ou na encosta de montes, em direção a um calvário ou capela, assinalando uma tradição de origem Franciscana, a via-sacra (Vieira, 2004:19).

² Em Lousada, os cruzeiros colocados nos cemitérios paroquiais, tal como os próprios cemitérios, são relativamente recentes, não recuando, além do último quartel do século XIX.

³ Os cruzeiros paroquiais tinham por finalidade assinalar os limites físicos da paróquia, constituindo padrões públicos por excelência e símbolos de jurisdição paroquial. Aliás, desde a *Idade Média*, que o âmbito territorial de uma igreja, capela ou ermida, em posse e gozo de sua jurisdição, foi demarcado por cruzeiros, que lhe estabeleceram limites definidos (Chaves, 1932:106).

⁴ Geralmente, o pedestal é composto pelo soco – dado ou cubo (forma cúbica ou cilíndrica) – e cornija, cabendo ao dado a primazia em termos de epígrafes ou demais elementos memorativos. A coluna, que encima o dado, é composta pelo fuste e capitel. O fuste pode ser diminuído ou paçoado, conforme o seu diâmetro, e ter forma cilíndrica lisa ou estriada. O capitel apresenta forma mais ou menos cônica, invertida ou não, podendo ser liso ou ostentar adornos. De entre as formas, predomina a troncopiramidal. A cruz pode apresentar feições muito diferentes: simples, nodosa, cilíndrica ou floreada (Vieira, 2004:21).

OS CRUZEIROS DE SANTO ESTÊVÃO DE BARROSAS

Apesar das crenças e devoções associadas aos cruzeiros, algumas das quais fixadas na toponímia da freguesia (Cruz, Cruzes, Cruzeiro), Santo Estêvão de Barrosas ostenta um reduzido número de Cruzeiros. Ainda assim, o seu estudo, para além de atestar o carácter eminentemente popular da sua arquitetura, permite-nos uma aproximação ao quadro mental dos primórdios de Setecentos, profundamente marcado pela religiosidade e pela devoção aos santos.

CRUZEIRO DA ERMIDA (EST72)⁵

No extremo sudoeste da freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, na raia com Lustosa (41°19'12.5" / 08°17'08.1"), no interior da Quinta da Ermida, próximo da Capela com o mesmo nome, existiu, até finais do século XX, um cruzeiro. O monumento encontrava-se localizado num pequeno outeiro, à esquerda do caminho de acesso às casas da Quinta. Nos anos 90 do século XX o cruzeiro foi desmantelado e deslocado para outra propriedade, fora do concelho de Lousada.



CRUZEIRO DE ALÉM (EST37)

Cruzeiro de caminho situado no lugar de Além (41°20'20.4" / 08°16'45.8"). Trata-se de uma peça esculpida em granodiorito de grão grosseiro com megacristais de feldspato potássio que assenta sobre um soco quadrangular de dois degraus pétreos. É composto por dado de formato cubóide com cornija rematada por pequena gola boleada de onde arranca o fuste de secção circular. O fuste é diminuído e apresenta-se seccionado por dois aros em relevo. O acrotério é formado por um motivo anelar espalmado sobre o qual assenta uma plataforma quadrangular en-

Figura 2. Cruzeiro de Além (EST37).

cimada pela base esférica da cruz que coroa o monumento. Associado à cruz latina de perfil reto e secção quadrangular encontra-se uma escultura de Cristo crucificado. O dado apresenta as quatro faces decoradas com motivos incisos, em forma de losangos, insertos em cartelas retangulares lisas. Embora de cronologia indeterminada, recua, seguramente, ao século XVIII.

CRUZEIRO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (EST6)

Cruzeiro devocional implantado no lugar de Nossa Senhora de Fátima (41°20'00.6" / 08°16'28.9"). Corresponde a uma estrutura singela, esculpida no *granito de Lustosa*, assente sobre um soco quadrangular de dois degraus com pedestal cubóide e remate em cornija. O fuste, que sobrepuxa na cornija, ostenta, no primeiro terço, uma forma quadrangular que evolui, posteriormente, para uma forma circular. Sobre o fuste, fraturado no terço superior, assenta um capitel troncopiramidal invertido com remate plano coroado por uma cruz latina de perfil reto e secção quadrangular. No dado do cruzeiro, numa cartela retangular lisa, foi gravada a data «1941», evocativa do ano da sua construção.



Figuras 3 e 4. Fotografia geral e representação do pedestal do cruzeiro de N.ª S.ª de Fátima com a respetiva cartela e data memorativa (EST6).

⁵ Os códigos alfanuméricos atribuídos a cada um dos cruzeiros decorrem do número sequencial de inventário atribuído aos elementos patrimoniais arrolados na obra LEMOS, P. (No prelo). Inventário do Património da Freguesia de Santo Estêvão de Barrosas. UFLB: St.º Estêvão de Barrosas.

CRUZEIRO DO SENHOR DO PADRÃO (EST28)

No decurso das obras de requalificação da capela do Senhor do Padrão (2014/2015) foi colocado a descoberto um cruzeiro (41°19'52.3"/08°16'56.1") esculpido no denominado *granito de Lustosa*.

O cruzeiro apresenta uma estrutura composta por dado cubóide de topo chanfrado sobrepujado por fuste de secção quadrangular que, a partir do primeiro terço, apresenta os cantos chanfrados. O capitel é constituído por uma plataforma quadrangular escalonada e encimado por um corpo semiesférico recuado onde assenta uma base em madeira coroada por uma cruz latina de secção quadrangular, cantos chanfrados e braços retos, que acolhe a figura de um Cristo crucificado. Um dos aspetos mais notáveis deste cruzeiro é a presença de diversas inscrições. Uma primeira (Ep1), mais evidente, gravada na face frontal do dado; uma segunda (Insc1), pintada a preto no terço superior do fuste sobrepondo-se a um fundo policromático com representações vegetais; uma terceira (Ep2), constituída por uma data – «1739» – gravada na secção quadrangular da base do fuste⁶ e uma última (Ep3), presente no topo do crucifixo, gravada em capitulares maiúsculas e inserta numa cartela. A inscrição é constituída pelo acrónimo «|N/R|» - I(esus) N(asarenius) R(ex) I(udaeorum), isto é: *Jesus Nazareno Rei dos Judeus*.

Pelo seu conteúdo, detalhamos as duas primeiras inscrições. A epígrafe presente na face do dado (Ep1) é, claramente, aquela que mais se destaca, ocupando grande parte do campo epigráfico disponível e distribuindo-se ao longo de cinco regras. Apresenta-se com letras capitais e faz uso de abreviaturas, duas das quais em resultado da adição do til sobre as letras, nexos e contrações com colocação de letras em expoente. Regista-se, ainda, a adição de pontos como elementos de separação de palavras. O texto apresenta-se com a seguinte disposição:

Figura 5. Cruzeiro do Senhor do Padrão (EST28).

DEVACAM O BÕ / IESVS ã• FES AN^{TO}• / PA^{CO}• DE VENTOZE / LAS
PL^{AS}• ALMAS•P•N• / AM•

O desdobramento da transcrição traduz-se no seguinte teor:

DEVACAM / O BO(m) / IESVS Q(ue) FES ANTO(nio) / PA(che)CO
DE VENTOZE / LAS / P(e)LAS ALMAS P(ai) N(nosso) / A(ve) M(aria)

A leitura, em tudo semelhante aquela proposta por Cardoso (2014:199), é a seguinte:

Devoção ao Bom Jesus que fez António Pacheco de Ventoselas, pelas almas. Pai Nosso, Ave Maria.

Quanto à legenda pintada no terço superior do fuste (Insc1), apresenta um texto de difícil leitura, porquanto truncado e desgastado na sequência dos sucessivos repintes. A inscrição, distribuída por dez regras, é composta por caracteres alfabéticos capitulares maiúsculos e um numeral árabe, sendo perceptível apenas duas contrações e um expoente. Da análise da inscrição resulta o seguinte texto:

DRA / DASERA / MA / DF / A / TO / PAC^O / DEVEN / OZELL / AS 7

O desdobramento da transcrição resulta na seguinte interpretação:

[PA] / DRA[O] / DASER(r)A / MA[N] / D[OU] F[AZER] / A[N] /
TO[NIO] / PAC(hec)O / DEVEN / [T]OZELL / AS [1]7[...]

A leitura proposta é a seguinte:

(...) *Padrão da Serra mandou fazer António Pacheco de Ventoselas 17 (...)*

Atendendo ao teor da parte perceptível desta legenda, parece evidente a evocação do *Senhor do Padrão da Serra* (Santo Estêvão de Barrosas) num monumento primitivamente dedicado ao *Bom Jesus de Barrosas* (Idães), ainda no século XVIII, conforme sugere a presença do numeral «7» que interpretamos como unidade da casa das centenas de uma data memorativa da centúria

⁶ A data foi gravada com recurso a caracteres numéricos e alfabéticos, nomeadamente o número «1» representado pelo símbolo alfabético cursivo «i». A data encontra-se associada à inscrição votiva mandada fazer por António Pacheco da Casa de Ventoselas, ao Bom Jesus, não o do Padrão da Serra, que ainda não granjeava a devoção popular, mas o da Portela de Barrosas (Cardoso, 2014:200).



1739





Figura 6. Epigrafe (Ep1) identificada no cruzeiro do Sr. do Padrão (EST28).

de Setecentos. Mas o paradoxo é apenas aparente. Com efeito, se tivermos em linha de conta que o cruzeiro foi dedicado por António Pacheco, filho de Pedro Francisco, senhor da Casa de Além de Baixo, por graça obtida, ao Bom Jesus de Barrosas, em 1739, e que o culto do Senhor do Padrão da Serra se firmará apenas em data posterior, dando lugar, a partir de meados da centúria de Setecentos, à construção da Capela do Senhor do Padrão, constata-se que a inscrição em questão deverá ter surgido, indubitavelmente, em data posterior àquela grava-

da na base do cruzeiro, na sequência, certamente, da apropriação devocional do monumento pela crescente veneração ao Senhor do Padrão que, como refere Cardoso (2014:200), à medida que se vai afirmando, por via de milagres, e acolhendo o fervor dos devotos, vai assumindo inspiração própria e, em breve, ganha autonomia e identidade, transformando-se no Bom Jesus do Cruzeiro (padrão) que está na serra. De facto, a pintura da legenda sobrepondo-se a uma base vegeta-

Referências bibliográficas

- ADPa _ Arquivo Distrital do Porto. *Licença para se aumentar o corpo e a capela-mor da capela do Bom Jesus do Padrão da Serra*.
ADPb _ Arquivo Distrital do Porto. *Registo de Receitas. Livro que ha de servir para as contas do Senhor do Padrão da Serra*.
ALMEIDA, C.A.F. (1968). *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Dissertação para a Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.
BELLINO, A. (1900). *Archeologia Christã. Descrição Histórica de Todas as Igrejas, Capellas, Oratórios, Cruzeiros e outros Monumentos de Braga e Guimarães*. Lisboa: EHP
CAPELA, V.J.; MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2009). *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.
CARDOSO, C. (2014). O Bom Jesus do Padrão da Serra: origem de um culto entre a devoção e a emulação. *OPPIDUM*. (7). Lousada: CML, p.195-208.
CARVALHO, A.P. (1985). *Pachecos, Subsídios para a sua Genealogia*. Lisboa.
CHAVES, L. (1932). Cruzeiros de Portugal. In Revista *BROTÉRIA*. Vol. XIV Fasc. 2. Lisboa, p.97-107.
CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. (2010). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.
FEUILLET, M. (2005). *Léxico dos Símbolos Cristãos*. Lisboa: Publicações Europa-América.
NUNES, M. e LEMOS, P. (2013). *Lustosa, património e identidade*. Lousada: JF Lustosa
VIEIRA, L. (2004). *Cruzeiros de Lousada*. Seminário em Ciências Históricas - Ramo Património. Porto: Universidade Portucalense.

Tabela 1. Inscrições identificadas nos cruzeiros de St.º Estêvão de Barrosas.

Cruzeiro	Epigrafe	Campo epigráfico	Espaçamento Interlinear		Altura das letras/carateres		Largura do traço		Profundidade do traço	
			Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min
EST6	---	42 X 21	---	---	12,1	9,2	1,2	0,8	0,7	0,6
	Ep.1	67 X 70	7	2,2	8,1	5,2	1	0,4	0,8	0,6
	Insc.1	49,3 X 12	4,3	0,6	4,6	4,1	0,6	0,2	---	---
EST28	Ep.2	19,5 X 6,5	---	---	7,6	6,5	1,1	0,7	0,8	0,5
	Ep.3	12,1 X 8	4	2	6,3	3,2	0,8	0,7	0,6	0,5

lista que, por sua vez resultou de um repinte sobre a coloração ocre que cobria todo o cruzeiro, parece ser o resultado da necessidade de “reformular” a evocação firmada na base do cruzeiro, integrando-o na nova devoção. Se a veneração popular levou à pintura desta inscrição quando o cruzeiro se viu envolvido pelo nicho de abóboda construído para o proteger (Carvalho, 1985:562-563), presumivelmente entre 1745 e 1748, ou apenas na sequência das obras de construção e posterior ampliação da capela, entre 1751 e 1776 (Capela, 2009:300; ADPa, 1751:fol.3-4v; ADPb, 1776:fol.2), não é possível atestar sem elementos adicionais. Todavia, independentemente do contexto, parece-nos tratar-se de uma ação intencional e deliberada, destinada a enquadrar o cruzeiro no culto que acabou por dar origem ao elemento arquitetónico que o veio a acolher.



Figura 7. Inscrição (Insc1) pintada no fuste do cruzeiro do Senhor do Padrão (EST28).